

Bancos da Inglaterra falam em reduzir seus juros

Os bancos britânicos estão considerando a possibilidade de redução dos juros para seus devedores latino-americanos. A notícia foi publicada ontem em Londres pelo *Daily Telegraph*, ao mesmo tempo em que o Banco da Inglaterra divulgava nota, explicando que "não há necessidade, do ponto de vista da política monetária (britânica), de nenhum aumento geral do nível interno das taxas de juros".

A nota foi divulgada depois que os quatro principais bancos do Reino Unido aumentaram em 0,25% seus juros básicos, que assim subiram para 9,25%. A medida foi adotada pelo National Westminster, o Lloyds, o Midland e o Barclays.

Ao comentar a reunião de Cartagena, o *Financial Times* afirma que a conferência produziu resultados mais significativos que a cúpula dos sete "grandes" em Londres. Os ministros da economia latino-americanos apresentaram de maneira convincente a necessidade de reexaminar o problema da dívida. "Seria uma triste ironia se o resto do mundo ignorasse suas propostas, precisamente porque foram expostas de maneira responsável."

Comenta ainda que a ajuda de que necessitam os devedores não se refere apenas a maiores facilidades para o pagamento da dívida. O único modo de enfrentar a crise, diz o *Times*, é através do aporte financeiro dos países industrializados através do FMI, Banco de Compensações Internacionais e Banco Mundial.

Golpe

Especificamente para o presidente Raúl Alfonsín, o aumento da taxa básica de juros dos bancos norte-americanos foi um duro golpe, conforme relata nosso correspondente em Buenos Aires, Hugo Martínez. Estava previsto um discurso presidencial para a noite de segunda-feira, no qual Alfonsín pediria austeridade à população, e anunciaría um plano de governo para aumentar os investimentos estrangeiros. Alertado pelo ministro Bernardo Grinspún, da Economia, que está em Nova York, das intenções dos bancos, Alfonsín optou por adiar seu discurso até ter um panorama mais claro.

Os funcionários do governo argentino estudam aceleradamente uma estratégia para desvincular da prime rate o problema da dívida externa. Este ponto teria prioridade na reunião de setembro, no chamado Clube de Buenos Aires, continuação da conferência de Cartagena.

Grinspún foi surpreendido pela decisão dos bancos, que compromete seu plano com o Fundo Monetário Internacional e os bancos credores. Existem informações contraditórias no sentido de que teria decidido regressar à Argentina apressadamente, sem concretizar nenhuma operação de acordo financeiro.

No aumento anterior da prime rate, Alfonsín considerou que os Estados Unidos haviam lançado "uma bomba de nêutrons contra os países do Continente, que deixou inteiros os edifícios, porém matou a população".

Aldo Ferrer, presidente do Banco da Província de Buenos Aires e um dos ideólogos do governo em matéria econômica, afirmou:

— O aumento ratifica a posição do governo no sentido de que os países devedores não podem bancar indefinidamente as consequências da política fiscal e monetária dos Estados Unidos.

No lado oposto, um jovem banqueiro de The Bank of Nova Scotia, do Canadá, que tem um crédito de US\$ 240 milhões com a Argentina, disse ao nosso correspondente em Buenos Aires:

— No aumento não existiu nenhuma intenção de golpear a Argentina nem a América Latina. É o produto da descentralização de funções em um aparelho gigantesco. Os que tomaram a decisão não puderam dar-se conta dos seus efeitos políticos.